

UMA ESTRANHA NO ESPELHO: FEMINILIDADE, IMAGEM CORPORAL E ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

*Sonia T. Lisboa Cabeda**

"Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro,
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.
 Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.
 Eu não dei por esta mudança,
 tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida
 a minha face?"
 (*Retrato*. Cecília Meireles)

RESUMO — *Este artigo analisa as novas formas de subjetivação na contemporaneidade, em que o sujeito parece reduzir-se à sua imagem corporal, problematizando o processo de envelhecimento: os sinais do tempo vividos no corpo estão sendo interpretados, invariavelmente, como desqualificantes e sendo tomados como injúria, desgraça e doença. Um expressivo número de mulheres nesta faixa etária se submete hoje a intervenções cirúrgicas de rejuvenescimento cujo objetivo é recuperar um corpo que existiu no passado, um corpo de antes. A discussão é direcionada ao efeito do culto à aparência na auto-representação que essas mulheres têm de si e no valor da imagem corporal no processo de identificação feminina.*

*Profa. Titular (DCHF/UEFS). Membro do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade NUC/UEFS. E-mail: scabeda@terra.com.br
 Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Ciências Humanas e Filosofia. Tel./Fax (75) 3224-8097 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: chf.uefs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: *Feminilidade. Cirurgia plástica. Cultura contemporânea.*

O culto à aparência na contemporaneidade tem pressionado mulheres a ver na falta de beleza e juventude uma forma de desqualificação da subjetividade e uma nova patologia. Em conseqüência, sentem forte pressão para recuperar a aprovação social através do uso de tecnologias para restaurações cirúrgicas. A pressão para usar essas tecnologias está em ascensão, o mercado de cirurgia estética se amplia cada vez mais. Acompanhamos a banalização das intervenções através do conceito de *makeover* feminino, que é traduzido em colunas e artigos na mídia impressa, ou visto em espetáculos nacionais de televisão direcionados ao público feminino.

A pesquisa que empreendi no Doutorado¹ tinha como meta apontar algumas pistas para a compreensão do *boom* das cirurgias plásticas estéticas no Brasil, mais especificamente, o porquê destas intervenções entre as mulheres em processo de envelhecimento. O recorte do tema trouxe à pesquisa questões relacionadas ao efeito do culto à aparência na auto-representação que estas mulheres têm de si e de seus corpos.

Entrevistas com os sujeitos da pesquisa e também publicações dirigidas ao público leigo tais como jornais, revistas consideradas “femininas” e publicações especializadas em cirurgia plástica estética apontaram para este aspecto do fenômeno. Veículos que fazem circular o discurso, tanto da mídia quanto da classe médica, sobre o corpo feminino e as cirurgias plásticas na cultura contemporânea, nos quais também é possível apreender as representações que as mulheres encontram na cultura contemporânea sobre como “deve ser uma mulher de X anos”, “como deve se apresentar”, o que deve ser feito para obter o reconhecimento e a aprovação social². Os discursos da mídia, especializada ou não, foram considerados como vozes e mensagens que podem ser entendidas como vindas do Outro da Cultura³.

Efetivamente, o avanço da idade parece suscitar mais sofrimento às mulheres que aos homens. A conquista e a manutenção das características físicas da juventude constitu-

em, para uma mulher, não somente um trunfo no seu potencial de sedução, mas, o que me parece ainda mais importante, um traço fundamental de identidade feminina. O apelo que é feito na contemporaneidade, cotidianamente, para que invistam cada dia mais nos cuidados com a aparência, parece estar tendo acolhida em um grande e crescente número de mulheres.

Rugas e flacidez representam, fundamentalmente na contemporaneidade, o envelhecimento. E para não apresentar estas marcas, para não serem reconhecidas como membros de uma categoria especialmente segregada na sociedade, vale tudo para removê-las. Encontramos hoje mulheres com aparência física de trinta anos (resultado de intervenções estéticas de todos os tipos), com a lentidão, andar, voz, enfim, com toda uma linguagem comportamental de alguém com muito mais idade.

As tentativas de escapar à desqualificação produzida pelo envelhecimento podem acontecer em várias direções. Com frequência observa-se uma recusa em aceitar as mudanças na aparência física, o que de certa forma aprisiona as mulheres na busca insana de uma imagem corporal segundo um determinado modelo social ou de um determinado momento do passado. Este parece ser o projeto existencial que motiva as intervenções estéticas plásticas, o uso de medicamentos e cosméticos de última geração.

Hoje a experiência de ser velho, de sentir-se velho ou em envelhecimento começa muito cedo. Não surge, necessariamente, com as deficiências e incapacidades físicas e mentais e sim com uma estética. A preocupação com o envelhecimento segue em ritmo crescente e, muitas vezes, delirante. Encontramos jovens na faixa dos vinte anos procurando clínicas estéticas para “corrigir” e eliminar linhas de expressão no rosto, com mais frequência, aquelas localizadas entre as sobrancelhas. Matéria do *Jornal Folha de São Paulo* (2005) revela que há um mito em torno do procedimento em jovens, o mito da prevenção. Muitos acreditam que a aplicação precoce do botox pode retardar as rugas. A dermatologista Ana Maria Pinheiro, citada no texto, testemunha este equívoco: “Já vi situação em que a mãe acha que a filha vai desenvolver a ruga no mesmo

lugar do rosto e resolve aplicar o botox preventivamente”. No entanto, como é comum ocorrer neste contexto do culto à aparência, além da ineficácia da aplicação com tal objetivo (inclusive podendo provocar resistência ao componente e perda de efeito quando iniciarem as demandas de rejuvenescimento), os riscos que envolvem o procedimento (reações alérgicas, por exemplo) confirmam a insensatez que, com muita frequência, costuma habitar as subjetividades envolvidas no fenômeno.

O DESENCONTRO NO ESPELHO

O desconforto com o envelhecimento e as marcas do tempo no corpo têm sido acompanhados pela percepção de uma defasagem entre a aparência física e a imagem que corresponderia a uma identificação, o que geralmente provoca nas mulheres certo estranhamento e uma sensação de desqualificação. Sem dúvida, uma conseqüência das subjetividades estarem, hoje, mais do que nunca, reduzidas à dimensão da imagem. Neste contexto, o corpo em processo de envelhecimento perde valor dado à sua inevitável e irreversível decrepitude; a imagem corporal que acompanhava satisfatoriamente o sujeito e lhe garantia amor próprio sofre abalo. A sensação é de perda do controle do corpo que parece mergulhar, de maneira totalmente independente da vontade de “seu proprietário”, em um processo de autodestruição. Essa percepção do corpo como alheio aos desejos dos sujeitos, com um funcionamento próprio, surpreende, assusta e produz relatos de uma sofrida e amarga dicotomia entre corpo e auto-imagem, como este encontrado em uma das entrevistas feitas durante a pesquisa:

Mas houve um momento em que, eu não sei, eu acho que isso acontece com a maioria das pessoas. Parece que a gente tem uma fase na vida que parece que tu deitas de uma forma e no dia seguinte quando tu acordas tu te olhas no espelho, tu te enxergas outra completamente diferente. Isso aconteceu comigo a partir do climatério, que eu fiz o climatério aos 45 anos.

Costumamos pensar o corpo como sendo nossa propriedade (o *meu* corpo), Maria Rita Kehl (2003) demonstra o equívoco desta pretensão, o corpo é do Outro:

Ao contrário da concepção do corpo como propriedade privada de cada um, afirmo que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formatado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se constituir (p. 243).

Os significados vêm do Outro; o que significa, então, dizer que os corpos estão inseridos tanto em uma rede discursiva que produz significados para eles quanto em uma rede de trocas, na qual “jogam” de acordo com o valor social a eles atribuído. Há, nesta leitura, uma estreita relação entre o corpo, linguagem e o Outro: “Cada cultura produz o corpo que lhe convém, assim como produz os sintomas que tentam dar conta do resto impossível de satisfazer” (p. 249).

A pertinência da abordagem do corpo como *corpo social*, lugar de escritura da cultura, tem sido demonstrado, entre outros, pelos movimentos feministas, em suas críticas às teorias essencialistas sobre a mulher, pelos Estudos de Gênero e pela História, que lhe reservou um espaço privilegiado em suas pesquisas. Ao estudar os corpos femininos dos séculos XVIII e XIX, Philippe Perrot (1984) encontrou uma espantosa diversidade de silhuetas e relevos, o fato testemunha os diferentes significados atribuídos ao corpo pelo Outro em todas as sociedades e épocas.

No envelhecimento, o corpo, que durante anos conservou-se dentro de certa estabilidade, começa enviar seus sinais de declínio; vai sofrendo periodicamente pequenos abalos. As mudanças são a cada dia mais acentuadas e perceptíveis a olho nu. A forma física refletida no espelho vai se distanciando da imagem, que antes serviu como protótipo de representação de si mesmo. Quando o sujeito volta o olhar “para dentro”, para sua interioridade, sente um estranhamento, não se reconhece

e, muitas vezes, também não é reconhecido pelos outros. As mulheres pesquisadas dizem que, ao se olharem no espelho ou se verem em fotografias, se deparam com uma imagem ligada a uma deterioração, uma imagem com a qual não se identificam, como atestam as falas de duas delas:

Eu me judiei, pegava sol e... o que aconteceu, eu fiquei uma enrugada. A sorte por eu ser menor, pequena, eu não fiquei uma bruxa. Porque era para eu ter ficado uma bruxa mesmo. Então eu fiquei toda enrugada, com a pele horrível judiada de tanto queimar, descascar, queimar descascar. Então aquilo realmente me incomodava, de olhar no espelho e dizer assim: “puxa, mas eu estou aparentando uma idade que...(...) Porque aquilo me transformou em outra pessoa, também, porque eu não conseguia sequer me olhar no espelho. Não conseguia me olhar no espelho... eu odiava me olhar. Quando as pessoas me olhavam de frente eu virava o rosto para que elas não olhassem para mim.

aos 45 (...) eu, de uma hora para a outra eu comecei a perceber todas as mudanças no corpo, como se até então elas não existissem e eu dormi sem elas e acordei com todas elas. E aí eu comecei a notar, todas as coisas que haviam modificado no corpo, ou que estavam se modificando. Mas foi, para a minha percepção, foi uma mudança muito repentina.

A IMAGEM É TUDO: A CONSTRUÇÃO DO EU

A forma como percebemos nossos corpos, a imagem refletida por ele (imagem corporal), tem sua história contada no *Estádio do Espelho*, teorização de Jacques Lacan (1996), momento em que se constitui a formação do eu. O eu, a partir deste momento inaugural, passa a se pensar enquanto auto-imagem. Esta imagem é produto do olhar do Outro (representado aqui

pela metáfora do espelho) que lhe devolve uma imagem unificada, simétrica, uma *gestalt* perfeita, muito distante, entretanto, de como a criança se percebe. A criança está vivenciando neste momento uma experiência corporal de fragmentação, precariedade, de insuficiência em vários aspectos: controle de suas funções, coordenação de movimentos, locomoção e possibilidade de comunicação. Apesar desta realidade, é com extrema satisfação (ou não, se as circunstâncias sociais e psicológicas lhe são adversas) que a criança se “reconhece” nesta imagem especular.

Assim se constitui a formação do eu, enquanto auto-imagem, que demandará, para sempre, satisfação narcísica através do reconhecimento do olhar do outro/Outro. Apesar do engodo que marca o início da história do sujeito, certa estabilidade advinda do processo se mostrará necessária mesmo que equivocada, nas palavras de Bruce Fink (1998):

Em geral, é essa cristalização de imagens que permite um “sentido de eu” coerente (ou que não o permite naqueles casos em que as imagens são demasiadamente contraditórias para se fundirem de alguma forma) e uma grande parte de nossas tentativas de ‘compreender’ o mundo ao redor de nós envolve a articulação do que vemos e ouvimos com essa auto-imagem internalizada (p. 57).

Apesar disso, a construção da identidade é um projeto sempre inacabado, uma versão que o sujeito precisa ter da sua história, que dê um sentido a seu viver e à sua realidade. Esta historização, argumenta Piera Aulagnier (1979), lhe permitirá se ancorar no presente como uma unidade, achar um sentido para a sua vida passada, e se projetar no futuro. Vemos, assim, que a identidade está amarrada à memória, a uma continuidade temporal.

Goldfarb (1998) na análise que faz dos aspectos subjetivos do envelhecimento na atualidade e de suas articulações com o processo de construção da identidade, lembra que o primeiro encontro do humano com o espelho foi positivo. Foi um momento de construção e de confirmação da sua identidade

como imagem. Quando se olha e é olhado, “este sou eu”, temos o ponto culminante da constituição da identidade: o espelho, em uma versão positiva. No processo de envelhecimento ocorre algo diametralmente oposto: no espelho negativo, quando o sujeito diz “não sou eu”, confirmam-se as perdas do declínio físico e antecipam-se a velhice e a morte. A antecipação do envelhecimento encontra seu reflexo no espelho sob a forma de um *eu de feiúra* que é rejeitado (“esse não sou eu”) e que pode se manifestar como uma simples estranheza ou um verdadeiro horror. Ou seja, instala-se um conflito identitário que pode também produzir uma crise em outras imagens narcísicas de onipotência, perfeição e sabedoria.

O sujeito, acrescenta Sylvania S. G. de Souza (2003), é entidade múltipla, produto de um processo de subjetivação sempre inesgotável, fixa-se apenas provisoriamente em uma identificação, como uma parada (em um ponto de fixação de maior investimento narcísico), que sempre pode ser revisada e modificada. Só pode se reconhecer porque se acredita imóvel ante os movimentos que o cercam e ante os quais resiste para poder ser sempre o mesmo. O envelhecimento aparecerá como provocador de mudanças ameaçadoras que afastam o sujeito desse ponto central do qual acredita se constituir. Assim será sempre algo vivido como exterior ao sujeito, que sempre se verá excluído deste processo. Esses pontos de resistência e exclusão explicariam, na perspectiva da autora, porque a passagem do tempo é experimentada como um “mal”, “doença”, enfim, que ataca o narcisismo.

A dramaticidade dessa situação existencial, o preço disposto a pagar para se escapar do anonimato, da exclusão, é de tal ordem, que escutamos todas as mulheres, mesmo as que estavam mergulhadas em dúvidas e críticas a respeito das cirurgias plásticas, mesmo as que sofreram muito no pós-operatório, afirmarem a disposição para realizar outras intervenções.

O CORPO DE ANTES: EM BUSCA DE OUTRA IMAGEM CORPORAL

As histórias que envolvem as intervenções estéticas apresentam tanto interpretações diferentes sobre os apelos dos discursos da cultura quanto singularidades articuladas às formas de subjetivação. Há histórias de busca de perfeição, de tentativas de ser outra mulher, aquela colocada no lugar da ideal, e histórias de projetos menos ambiciosos e mais realistas. Todas marcadas pelo estranhamento e rejeição de partes do corpo que se tornaram, em um determinado momento, insuportáveis de carregar. Para a grande maioria das mulheres em processo de envelhecimento as demandas de intervenções estéticas têm a intenção de recuperar um corpo que existiu no passado, um *corpo de antes*, de antes da gravidez, de antes da menopausa, de antes dos efeitos do sol na pele, e, enfim, de antes de se iniciar o processo de envelhecimento.

Desejar um *corpo de antes*, no entanto, não significa que a demandante queira “ser outra pessoa”. O desejo parece ser “parecer consigo mesma” em outro momento da vida. Hoje, as mulheres enfatizam que desejam uma cirurgia que resulte em um aspecto “natural” nesta intenção, como deixa claro uma das entrevistadas:

(...) meu medo era de eu ficar deformada, de não ser legal, por melhor que o médico seja. Eu tinha medo de que a minha expressão mudasse, eu ficasse feia, de que ficasse uma outra pessoa. Eu me conheço de um jeito, aí eu faço uma cirurgia plástica, muda completamente minha expressão, como é que eu vou me reconhecer? Daí eu vou precisar de milhões de psicólogos para me ajudar a me achar de novo.

O projeto é resgatar uma imagem especialmente carregada de narcisismo presa em algum momento de vida, e que pode ser trazida de volta através da restauração física, uma *aparência de antes*.

A mídia tem publicado “casos” em que tantas foram as intervenções e alterações físicas feitas no rosto e no corpo que uma outra pessoa surgiu do processo, na qual dificilmente se reconhece a original. O “caso Michael Jackson” é seu exemplo mais emblemático. As intervenções cirúrgicas mais antigas, principalmente os *liftings* radicais, produziram muitas faces estranhas ao próprio sujeito, um aspecto também bastante artificial “de rosto de cirurgia plástica”. Ainda é possível encontrar hoje mulheres, principalmente se já passaram da faixa etária dos sessenta anos e se foram submetidas a muitas plásticas, transformadas quase que literalmente em *outras*.

As queixas das mulheres em relação à imagem corporal são, portanto, da ordem de uma ferida narcísica que pretende ser restaurada fisicamente. O pressuposto que norteia esta estratégia encontra-se nas conseqüências que a modificação da aparência do corpo irá produzir no olhar do outro, na crença de que o embelezamento pode devolver à mulher o sentimento de sentir-se amada, reconhecida, aprovada socialmente. Pode restituir o amor próprio e permitir um olhar benevolente sobre si; amenizar o olhar que julga e a percepção que a mulher tem do seu corpo. A cirurgia plástica repararia, assim, o ideal decepcionado e o amor próprio arruinado. O que as mulheres buscam nas intervenções cirúrgicas, conclui a psicanalista e pesquisadora do tema, Françoise Lollini (1990), vai além de uma mudança na percepção da imagem subjetiva construída sobre seus corpos, porque, na medida em que a aparência muda há também a pretensão de que mudará o olhar do outro sobre si.

UM FATOR COMPLICADOR: CRISE NA REPRESENTAÇÃO DA IDADE CRONOLÓGICA

As mulheres em processo de envelhecimento além de enfrentarem um apelo à aparência, em que o corpo parece ter se transformado no único guia para a identificação da feminilidade, vivenciam uma crise da própria representação de “meia idade”, os referenciais para a idade cronológica estão mudan-

do e não temos ainda uma nova representação já estabilizada. O que significa, a meu ver, um adicional de mal-estar ao grupo.

A percepção da defasagem, de um desencontro entre a idade cronológica, a idade que o corpo apresenta e a idade na qual as mulheres se encontram melhor representadas encontra uma problematização interessante em Alfredo Veiga-Neto (1997).

O fenômeno pode ser entendido através da análise dos marcadores identitários. Segundo o teórico, marcadores identitários são aqueles símbolos culturais que funcionam para categorizar e inscrevem-se fundamentalmente no corpo: ser (ou não ser) baixo, negro, louro, gordo, etc., ter (ou não ter) tal ou qual sexo, idade, língua, por exemplo. Assim como partilhar (ou não partilhar) de tal ou qual costume, tradição, território, classe social, etc. Marcas cujos significados nem são estáveis nem têm a mesma importância na sociedade, combinam-se permanentemente entre si e se visibilizam principalmente no corpo. Além disso, existe, hoje, no entendimento do teórico, mais do que nunca, um poderoso arsenal de dispositivos e instituições capazes de, a cada momento, criar novos marcadores ou re-significar os já existentes, reorientando constantemente os pertencimentos e os “usos” que se pode fazer desses pertencimentos, o que caracteriza nossa época como tirânica em relação às interpelações de cunho identificatório.

O que está em discussão para Veiga-Neto (1997) não é a “idade em si”, nem mesmo está em questão averiguar o sentido de ter essa ou aquela idade biológica ou cronológica. O que interessa é:

como são inventadas as diferentes idades do corpo e, ao mesmo tempo, atribuídas tais idades a esse ou àquele corpo [...] bem como tudo isso é colocado em movimento não apenas para nos dizer quem somos [...] mas para que cada um se veja e se sinta dessa ou daquela maneira [...] também para que cada um aja disciplinadamente de acordo [...] (p. 30).

Enfatiza que não temos, a rigor, essa ou aquela idade, mas é “essa ou aquela idade – isto é, aquilo que se diz dela, aquilo

que se representa como idade – que nos captura, nos aprisiona e nos tem” (p. 33). No entanto, a idéia da idade cronológica, da idade como representação construída socialmente não nos encaminha em absoluto para a negação do fator biológico, não quer dizer que os sentidos que se atribuem ao tempo vivido pelos corpos são *independentes* de uma ordem cronológica.

Os conflitos, as dissonâncias no processo de identificação, próprios do envelhecimento, encontram no psicanalista Renato Mezan (2000) mais interpretações. A reorganização das identificações, a consolidação do sistema identificatório e a integração de novas identificações, assim como o acesso a novas modalidades de vínculos fazem parte do constante fluxo das identificações. Na história de vida de cada sujeito há processos de ruptura e de recomposição, que culminam, normalmente, com a estabilização relativa das identificações e acionamento de defesas psíquicas contra a ansiedade e sofrimento que podem produzir as desestabilizações.

Diferentemente de um adolescente que está envolvido com a construção de uma identidade o sujeito no envelhecimento sente a perda de uma identidade construída com o tempo e os eventos da sua história psíquica, sente que as identificações estão perdendo estabilidade. A pergunta que se faz é, segundo Mezan, “o que está acontecendo comigo?”. A situação é potencialmente desestruturante se considerarmos em que contexto ela está sendo feita: de idolatria ao corpo belo, jovem e saudável.

Contribuindo para a discussão, Joel Birman (1997) acrescenta, levantando a idéia de resistência à tirania dos padrões contemporâneos da imagem corporal ideal e da marginalização dos velhos; que a juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas *interpretações*, são *conceitos* construídos historicamente. Sobre a crise atual nas representações das idades cronológicas, lembra o psicanalista que não interpretamos mais, na atualidade, o que é ser jovem e ser velho como em épocas anteriores, e essa transformação se deve, não apenas ao desenvolvimento e aos avanços tecnológicos da medicina e da biologia, mas, também, à mudança dos valores que passaram a redefinir os lugares sociais da juventude, da maturidade e da velhice.

CONCLUSÃO

Geralmente as transformações físicas descritas nos programas de televisão, nas revistas de caráter informativo como *Veja*, *Época* e *Isto é* e nas publicações ditas especializadas no tema (revistas e livros), vêm acompanhadas de uma enorme satisfação com seus efeitos nas relações interpessoais, na forma como as mulheres se vêem e são vistas pelos outros. Aquelas cujas transformações são assim alardeadas testemunham que, associadas a uma nova imagem corporal, ocorre uma elevação da auto-estima e maior segurança nas relações sociais. A plástica de mamas, mais particularmente, produz uma percepção de aumento do poder de sedução. As mulheres entrevistadas também contaram histórias com “final feliz”, revelam um bem-estar na vida social, muito mais que na vida amorosa, uma melhoria na auto-representação identitária, uma pacificação com a imagem corporal.

Apesar disso, há evidentemente uma pressão para que as mulheres recorram às cirurgias plásticas estéticas de rejuvenescimento, há também uma redução da feminilidade a um corpo jovem e belo, e uma nova modalidade de preconceito contra a velhice. Estamos, portanto, frente a um impasse. Há um limite para o número de intervenções cirúrgicas estéticas e o envelhecimento e a finitude são, até segunda ordem, irrevogáveis.

A STRANGER IN THE MIRROR: FEMININITY, BODY IMAGE AND AGING IN CONTEMPORARY

ABSTRACT — *This article analyzes the new forms of subjectivity in contemporary society, in which the subject appears to reduce their body image, questioning the aging process: the signs of time spent in the body are being interpreted, invariably, as a disqualification and being taken as insult, misery and disease. A significant number of women in this age group today undergo surgeries rejuvenation whose goal is to recover a body that existed in the past, a body before. The discussion is directed to the effect of appearance on the cult of self-representation that these women have self-worth and body image in the process of feminine identification.*

KEY WORDS: *Femininity. Cosmetic surgery. Contemporary culture.*

NOTAS

- ¹ Doutorado em Psicologia pela PUCRS concluído em 2005.
- ² Estes aspectos resultaram em três publicações: CABEDA, Sonia T. Lisboa. A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia. In: STREY, Marlene N., CABEDA, Sonia T. L. e PREHN, Denise R. **Gênero e cultura:** questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004; CABEDA, Sonia T. Lisboa. O corpo da cirurgia plástica: um olhar sobre a subjetividade na contemporaneidade. In: SREY, Marlene N. e CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar.** Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2004 e CABEDA, Sonia T. Lisboa e GUARESCHI, Neuza. O discurso da cirurgia estética na mídia especializada In: **Revista Psicologia Argumento**, PUC-Pr, n. 39, out./dez. 2004.
- ³ O outro, com minúscula, designa o próximo, o semelhante, o outro imaginário ou lugar da alteridade especular e escrito com letra maiúscula, o grande Outro, como: “uma ordem de elementos significantes que são os que articulam o inconsciente e marcam a determinação simbólica do sujeito (...) O discurso do Outro é o sistema de convenções significantes que compõe a mítica do inconsciente e que marca o indivíduo prefigurando sua localização desde o nascimento. É um sistema parental e simbólico que determina a posição do sujeito” (VALLEJO, A. e MAGALHÃES, L. C. 1981, p.105).

REFERÊNCIAS

AULAGNIER, Piera. **A violência da interpretação.** Rio de Janeiro: Imago, 1979.

CABEDA, Sonia T. Lisboa; GUARESCHI, Neuza. O discurso da cirurgia estética na mídia especializada. **Revista Psicologia Argumento**, PUC-Pr, n. 39, out./dez. 2004.

CABEDA, Sonia T. Lisboa. A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia. In: STREY, Marlene N., CABEDA, Sonia T. L.; PREHN, Denise R. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

_____. O corpo da cirurgia plástica: um olhar sobre a subjetividade na contemporaneidade. In: SREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de janeiro, 2005.

GOLFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

KEHL, Maria Rita. As máquinas falantes. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

LOLLINI, Marie-Françoise. **L'irreparable outrage: la psychothérapie analytique face à la chirurgie esthétique**. Paris: Éditions Universitaires, 1990.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

SOARES, Sylvia S. G. de Souza. **O processo de envelhecimento e as mudanças no edifício identitário**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/>. Acesso em: 23 ago. 2003.

VALEJO, Américo e MAGALHÃES, Lígia C. **Lacan: operadores de leitura**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: as material(idades), (divers)idades, corporal(idades), ident(idades)... In: AZEVEDO, J. C.; et al. (Org.). **Utopia e democracia na democracia cidadã**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, p. 215-234, 2000.

Recebido em: 09/10/2008

Aprovado em: 24/10/2008